

## PRAÇA ÓPERA "O GUARANI"

Decreto nº 5847 de 12-10-1979, Artigo 1º, Item I  
Formada pela praça sem denominação no centro da

cidade

Situada sob o Viaduto Miguel Vicente Cury  
Centro

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de  
Campinas, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº  
7.729 de 15-03-1979 em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logr  
douros Públicos.

## ÓPERA "O GUARANI"

O brilhante historiador João Baptista de Sá, o Jolumá Brito, na  
qualidade de presidente da Comissão de Nomenclatura de Ruas teve a fe-  
liz idéia em propor os nomes das composições de Carlos Gomes para a de-  
nominação de praças de Campinas. Esta é uma delas. Quando em Milão, viu  
Carlos Gomes certo dia, surpreso, no dorso de um livro vendido a um re-  
paz, o nome "Il Guarani". Veirificou tratar-se da obra de seu compatri-  
ota José de Alencar, surgindo-lhe a idéia de mandar extrair um libreto  
dali. Procura o poeta Gino Scalvini e juntos iniciam o trabalho, aliás  
dos mais árduos. No entanto, dois fatos abatem sôbre o Tônico de Campi-  
nas: a noticia da morte de seu pai e o posterior afastamento de Scalvi-  
ni da composição. Carlos Gomes não desanima e encontra Carlo D'Omervil-  
le, que terminou o sonhado libreto, quase todo musicado. Apresentado à  
diretoria do Teatro Scala, é aceito para ser encenado em 19-março-1870.  
Surgem problemas para a montagem, solucionado mais tarde, levado pela  
mãos de seu irmão, o maestro Sant'Ana Gomes. A expectativa em torno da  
apresentação é grande. Chega, enfim, o aguardado dia de estréia. Desde  
o início ao final do 1º ato o povo milanês aplaudia o trabalho, sendo  
que ao encerramento desse ato, Carlos Gomes fôra chamado ao palco, na-  
da menos de sete vezes. Ao final de "Il Guarani", o Tônico de Campinas  
não queria acreditar: mais de 25 vezes foi ele chamado ao palco, num fi-  
nal apoteótico. Era o comêço de sua gloria. "O Guarani" é uma ópera em  
quatro atos, cuja ação se passa no castelo de Dom Antonio Mariz, pouco  
distante do Rio de Janeiro, às margens do rio Paquequer, no ar. de 1500.  
No 1º ato D. Antonio Mariz conta a seus convidados a trágica aventura  
pela qual passou sua filha Cecília, raptada pelos índios Aimorés, em r-  
presália pela morte, por engano, de uma indiazinha, durante uma caçada  
de amigos de D. Antonio. Ao grupo chega um índio da tribo guarani, Per-  
anunciando que salvara sua filha e que é inimigo dos aimorés. O pai de  
Ceci, ante o entusiasmo, aproveita para anunciar haver designado Dom

Praça Ópera "O Guarani"

Fls. 02

Alvaro, como futuro espôso da filha, contra os interesses de Gonzalez, outro pretendente, que arma uma trama visando impedir esse noivado. Peri que ouviu os planos de Gonzalez, conta a Ceci o sucedido, propondo-se ser o único justiceiro. Ambos se enternecem e declaram-se amor mútuo. No 2º ato, na Gruta Selvagem, Gonzalez e seus amigos decidem aniquilar os habitantes do castelo e poupar apenas Ceci que seria raptada. Peri intervém, porém é subjugado e Gonzalez, para despistar, promete ao índio renunciar seu criminoso projeto. Ceci encontra-se em seu quarto e é despertada por Gonzalez. Assustada repele o aventureiro e quando este insiste em agarrá-la, uma flecha entra pela janela ferindo sua mão. O bandido dispara um tiro a esmo, para amedrontar seu agressor, acordando os moradores que entram alvoroçados no quarto de Ceci. Gonzalez tenta desculpas, mas Peri aproxima-se e mostra a todos a mão do aventureiro, ferida pela flecha. Indignação geral, mas logo ficam aterrorizados, ao receberem a notícia de que o castelo está sitiado pelos aimorés, que reclamam vingança, pela morte da indiazinha. O 3º ato mostra a aldeia aimoré em festas pela vitória no castelo, no dia anterior, vendo-se Ceci amarrada ao tronco de um jequitibá. O cacique dirige-se a Ceci que vai se tornar escrava e retirando o pano que cobre seu rosto fica admirado ante sua beleza, declarando que será a soberana da tribo. Os índios ficam indignados e querem matar Ceci, quando um grupo de aimorés entra trazendo Peri prisioneiro. Peri é levado para ser morto quando é ouvido no limiar da floresta forte tiroteio. D. Alvaro que reunira alguns aventureiros, invade a aldeia e num assalto de exterminio liquida com o inimigo e mata o cacique. O último ato mostra a insistência de Gonzalez e seus amigos em aniquilar o pessoal do castelo, exceto Ceci. D. Antonio enfrenta os aventureiros que fogem e se escondem nos subterrâneos do castelo. Nesse instante entra Peri e anuncia estar o castelo cercado por outros aimorés que vieram reforçar os que haviam sido eliminados no dia anterior. D. Antonio aconselha-o a fugir, pois não podendo vencer a traição dos aventureiros e enfrentar a indiada, resolveu destruir o castelo. Peri oferece-se para lutar e resistir. D. Antonio se recusa. O índio guarani propõe-lhe, ao menos, salvar Ceci. Cecilia não quer abandonar o pai e desmaia. Peri a carrega e no final do ato vê-se o castelo destruído pelo fogo e ao longe, numa colina, Cecilia de joelhos, amparada docemente por Peri.



DECRETO N.º 5847 DE 12 DE OUTUBRO DE 1979.

DÁ DENOMINAÇÃO A PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito em exercício do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios Paulistas),

DECRETA :

Artigo 1.º – Ficam denominadas as seguintes praças do Município de Campinas:

I – PRAÇA ÓPERA "O GUARANI", a existente sob o Viaduto Miguel Vicente Cury;

II – PRAÇA ÓPERA "A NOITE NO CASTELO", a existente sob a Avenida Dr. João Penido Burnier;

III – PRAÇA ÓPERA "JOANA DE FLANDRES", aquela formada pela Avenida José de Souza Campos, Ruas Nuporanga e Dino Zamarion;

IV – PRAÇA REVISTA "NELLA LUNA", o conjunto de praças formado pelas Avenidas Dr. Heitor Penteado, Monsenhor Jerônimo Baggio e Rua Carolina Florence;

V – PRAÇA REVISTA "SE SA MINGA", o conjunto de praças situado na Avenida Dr. Heitor Penteado, em frente ao quarteirão n.º 2.778 do Cadastro Municipal, entre a Avenida Monsenhor Luis G. de Moura e Rua Dimas de Toledo Pizza.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 12 de Outubro de 1.979.

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA  
Prefeito Municipal de Campinas em Exercício

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário do Negócios Jurídicos

ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 7.729, de 15 de março de 1.979, em nome da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 12 de Outubro de 1.979.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO  
Secretário-Chefe Substituto do Gabinete do Prefeito



# Um romance que foi transformado em grande ópera "O Guarani"

Correio Populoso - 3.3.1940

O escritor Antonio Scalvini, há um século passado, extraiu do romance brasileiro "O Guarani", de José de Alencar, a história que serviu de tema para a ópera-baile, do compositor campineiro Antonio Carlos Gomes.

## EPOCA E AÇÃO CÊNICA.

A ação cênica passa-se no Brasil, num Castelo de Dom Antonio Mariz, pouco distante do Rio de Janeiro, às margens do Rio Paquequer, no ano de 1560, portanto 6 décadas após o descobrimento por Pedro Álvares Cabral.

A cena representa uma esplanada arborizada, ante o Castelo do velho fidalgo português, vendo-se no PRIMEIRO ATO, ao levantar do pano, a chegada de numerosos caçadores, trazendo suas presas, enquanto ainda se ouvem ao longe sons de caça. Todos felicitam-se pela excelente caçada, enquanto Dom Alvaro, suporta resignado e confiante, as chalaças e brincadeiras irônicas, indiretas, de outro personagem, Gonzales. Este é despeitado e ciumento, pois a filha de Dom Antonio, Cecilia gosta, mesmo é de Dom Alvaro. E os dois moços são rivais junto às atenções e subtilezas da encantadora Cecília, que é mais amada por Ceci.

Dom Antonio, o senhor da propriedade e pai de Ceci, parece subitamente no limiar do Castelo sob a grande porta em arco, seguido por alguns homens armados. Comprazendo-se pelo feliz regresso de seus hospedes — inclusive Dom Alvaro e Gonzales — contalhes a trágica ventura de Ceci, que fôra raptada pelos índios Aimorés, quando estava a tomar banho no Rio Paquequer e isto em represalia pela morte de uma indiazinha da tribo, que havia sido baleada por engano, numa caçada anterior.

## Aparece o índio Peri

Limitamo-nos somente ao enredo, uma vez que todo ele decorre entre cantos, cores e solos, acompanhados por grande orquestra.

Nesta altura, todos lamentam o perigo que ameaça a filha de Dom Antonio quando entra um guapo índio da tribo guarani, Peri, anunciando que salvará a sua filha. Diz Antonio: "Ele salvou Ceci, Peri... este é o selvagem, bom e manso..."

Armado de arco e flecha e com a sua indumentária especial, que o distingue aos índios de outras tribus, Peri recebe as felicitações de todos pela bela ação de ter salvado Ceci. Dom Antonio não hesita em chamá-lo de seu irmão, o índio Peri, que se identifica como sendo filho do Cacique, quer dizer, filho de soberano. Logo ouve-se a voz de Cecilia, que juntamente com suas damas de companhia e empregadas, entra em cena. Grande o regozijo por vê-la salva do perigo

## Dom Alvaro, o escolhido

O pai de Ceci, ante tanto entusiasmo, designa Dom Alvaro, como seu futuro esposo. A moça empalidece mas responde que está pronta a ceder à vontade paterna. Sinos da Ave Maria ouvem-se ao longe, quando todos se ajoelham, cabeça descoberta, entoando a prece à Virgem Maria. Peri observa atrás de Gonzalez, de pé e com dignidade, aquela cena.

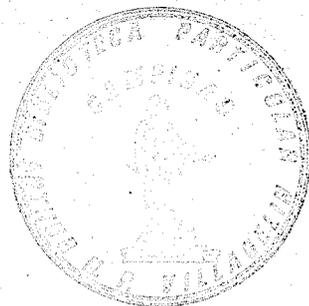
## Aventureiro e traidor

Gonzalez, o pretendente à mão de Ceci, aventureiro e traidor, de há muito deseja aproveitar-se da generosa bondade de Dom Antonio. No fim da prece marca encontro com dois outros aventureiros — os espanhóis Ruy Bent e Alonso — na "Gruta do Selvagem", ao cair da noite. Peri tudo ouve e propõe-se a anunciar a trama, a traição dos três aventureiros, sob a capa assassina de Gonzalez, que não se conforma, ainda, com o noivado de Ceci com Dom Alvaro. Peri, preocupado, é interrogado por Ceci. Conta tudo, pois estão ameaçados seu pai, ela e o seu noivo. Mas pede para que nada diga a Dom Antonio, seu progenitor, pois prefere ser o único justiceiro, sem denunciar ninguém. Ambos se enternecem e sem saber, inocentemente, declaram-se amor mútuo num angustioso adeus. Assim finaliza o 1.º ato da ópera.

## "Gruta Selvagem"

O segundo ato consta de várias cenas, que se desenrolam na "Gruta Selvagem", na "Taberna dos Aventureiros" e no quarto de Ceci.

A gruta é ampla, que ocupa a metade do palco, do lado direito. Do lado esquerdo, do espectador, uma floresta virgem com à frente um largo tronco de árvore quebrada pelo raio. Noite escura.



Perí entra sozinho, arrastando-se por entre espesso matagal e para atrás da grossa árvore abatida pelo raio, que lhe serve de esconderijo. De lá, após ter proclamado a soberania de seu bérço de Cacique, éle assiste a conspiração dos três aventureiros Gonzalez, Alonso e Ruy, que projetam aniquilar os habitantes do castelo, apoderando-se de todos os valores lá existentes. Gonzalez só deseja poupar Cecilia, a quem ama e proclama querer raptá-la ao pai, ao noivo e a todos. Perí ouve tudo e, correndo então para prevenir Dom Antonio do perigo que o ameaça, dá a perceber a sua presença. Perí luta com Gonzalez sendo dominado. Este promete, então renunciar ao seu criminoso projeto, ante a valentia do bugre.

### Taberna dos Aventureiros

Ruy e Alonso chegam à Taberna, onde o vinho jorra à vontade, pelas mesas, balcões e bancos toscos, imediatamente entra Gonzalez, anunciando que desviou a atenção do índio Perí, o qual, antes da luta, projetava avisar Dom Antonio de sua traição e que agora poderia agir com toda segurança. Eles confiavam na candura e ingenuidade do filho do cacique guarani.

### Quarto de Cecilia

O quarto de Cecilia, com leito à direita do espectador. Grande janela aberta sobre a floresta, do lado esquerdo. Portas fechadas ao fundo e à direita. Mesa e poltrona de estilo colonial. Um violão português sobre a mesa. O luar entra pela janela e inunda o quarto com sua claridade que alcança alcova. Cecilia, sózinha, admira a beleza da noite de luar e depois canta uma balada, acompanhado-se ao violão: "era uma volta um príncipe...". Entra depois no quarto, deita-se e adormece.

### Gonzalez tenta rapto

Após curto silêncio percebe-se que o traíçoeiro, transpõe a sacada da janela e penetra no quarto com evidente intenção de raptar Cecilia. Esta desperta, assustada e repele indignada, o ousado aventureiro. Gonzalez insiste com violência, e, quando está para agarrá-la, entra pela janela uma flecha, ferindo cruelmente a sua mão. Gonzales corre para a janela, e dispara um tiro de pistola a esmo para amedrontar o agressor, enquanto Ceci, observando a flecha, reconhece apenas as cores de Perí e grita com júbilo: "É a flecha de Perí!" O estampido tiro, todavia, acordou os moradores do Castelo, que entram alvoroçados no quarto de Ceci. Esta atira-se aos braços do pai, que exige uma explicação da presença de Gonzales e dos outros aventureiros na alcova da filha. Perí aparece, de pé, imponente, na sacada da janela e aponta Gonzales como sendo o chefe dos traidores. Este procura desmenti-lo, mas Perí aproxima-se e mostra a todos, a mão do aventureiro, ferida pela sua flecha. Grande indignação de todos, principalmente de Dom Alvaro e Dom Antonio lamenta a traição sua amável hospitalidade.

### Cêrco do Castelo

Nêste momento ouve-se um estranho rumor vindo dos jardins e o som de instrumentos que aterrorizam a todos. Entra Pedro, o mordomo, que anuncia ofegante estar o castelo sitiado pelos Aimorés, que reclamam vingança pela morte involuntária da jovem india de sua tribo. Todos, ante o perigo comum, juram fidelidade e ardi para defender o castelo ameaçado e saem em punhando as armas, enquanto Cecilia ajoelha-se e pede a proteção divina.

### Aimorés aprisionam Ceci

Agora estamos no terceiro ato, vendo-se a taba dos Aimorés no limiar da floresta de onde se avista, ao longe, o Castelo de Dom Antonio de Mariz; Luxuriante vegetação e árvores secuiares. À direita do espectador, a tenda do Cacique da tribo, feita com fibras vegetais, bambús e folhas de palmeiras. De outro lado da cena, aos pés de um jequitibá-gigante está Cecilia prisioneira. Ela veste traje escuro, um véu cobre-lhe as feições, enquanto permanece dolorosamente triste. Alguns selvagens a guardam. Os índios Aimorés comentam o combate do dia anterior contra os moradores do Castelo, enquanto as mulheres lavam suas feridas e dão-lhe a beber água de côco. Ao fundo da cena uma fogueira sobre pedras aquece água num panelão de barro. Ao lado da choupana do cacique, queimam folhas aromáticas sobre um montão de pedras. Crianças aimorés correm de um a outro lado, ajudando as mulheres e também aos selvagens, que aguçam e afiam as flechas, esticando as cordas dos arcos ou aprestam "inúbias" e "zaracás".

### Cacique deseja uma rainha...

O cacique, em toda a sua magestade, precedido de rituais primitivos chega até Ceci, redobra as imprecações contra os homens do Castelo e ao levantar o véu que cobre a cabeça e o rosto da infeliz moça, queda admirado ante a sua beleza e já enternecido declara não ser ela uma escrava... sim rainha e absoluta soberana de toda a tribo. Os índios, ante tal pronunciamiento ficam indignados e querem matá-la. O cacique defende-a energicamente, quando entra um grupo de Aimorés, trazendo Perí prisioneiro, desarmado, apenas com o arco suspenso às costas. O cacique cheio de surpresa, reconhecendo em Perí o índio guarani, amigo do odiado dono do Castelo, indaga quem tivera a honra de vencer aquele herói da floresta.

Respondem-lhe que ninguém poderia capturá-lo, não fóra o seu destino ingrato que o fez cair extenuado. Cecilia compreende logo que éle se entregou voluntariamente só para vê-la. O cacique quer saber a razão de sua rendição. Perí retruca com altivez que fóra apenas o desejo de o matar em sua própria taba, pelo que o Aimoré furioso, responde-lhe que será degolado ali mesmo.

### Condenado a morrer

E um grande cerimoniai é realizado, com danças em círculo, precedendo a morte do inimigo Perí. A fogueira é preparada. Afiam-se facas de ossos. Uma india bonita vai até



Peri, com uma cuia contendo vinho de abacaxi, que ele recusa, deixando cair tudo no chão. As danças prosseguem com grandes alaridos, com os toques das "inúbias" e os maracas. Cecilia é colocada ao lado do malanquim do Cacique, para assistir as solenidades da ante-morte de seu admirador e protetor — o Peri guarani. A moça permanece angustiada, em atitude humilde. Durante a cerimônia, Peri e Ceci, exprimem seus desencontrados sentimentos, até que o Cacique manda cessar tudo...

### Os dois a sós

O cacique manda que todos se retirem e diz à Cecilia que o condenado à morte, Peri, tem direito a uns momentos de amor; é lei da tribo; retira-se com todos os índios e os dois namorados se enternecem, até que Cecilia desata as cordas, perguntando de notícias do pai. Está a salvo. Ambos somente pensam na libertação, mas face à idéia da morte iminente e inevitável, declaram-se mutuamente intenso amor. Peri não cede ao insistente pedido de Ceci, que o incita a fugir. Ele diz que tomou poderoso veneno e que devorado pelos índios antropófagos, trará a morte certa a toda a tribo Aimorés, libertando assim a sua adorada Cecilia e Dom Mariz, seu pai, das ameaças dos bárbaros selvagens. A moça desespera-se, enquanto os dois apaixonados trocam juras de amor. Os índios ao longe ansiosos pelo macábro banquete, gritam lacinantemente, com feros e irrefreável impaciência.

### Golpe no prisineiro de honra

O cacique chegando com a tribo toda declara o prisioneiro, como visita de honra, merecendo pois morrer com um só golpe de tacape"; segue-se o adeus dos Aimorés, ao oferecer ao Tupan, seu deus, a sua vítima. Peri e Ceci, ajoelham-se, implorando socorro e bênção aos seus próprios inimigos.

### Solvos

Apenas finda a invocação, Peri apresenta com desprezo o seu peito ao cacique e aos aimorés, esperando o golpe de morte, quando se ouve no limiar da floresta um forte tiro e todos permanecem estarelecidos, com medo; Dom Alvaro e Dom Antonio, unidos com aventureiros, invadem a taba dos aimorés, num assalto de extermínio, que os subjuga completamente. O cacique cai morto e Cecilia atira-se nos braços do pai. Peri, toma um contra veneno e junta-se contra a tribo, ao ataque dos portugueses e aventureiros. E assim termina o terceiro ato.

### Novas traições

Quarto e último ato: Os subterrâneos do castelo acham-se iluminados por uma tocha fincada numa mureta. Uma porta ao fundo dá acesso à uma escada rústica, que conduz aos aposentos superiores. Uma pequena porta à direita dá comunicação com outros abrigos subterrâneos. Também à esquerda. Ao lado acham-se amontoadas diversos barris de pólvora.

Os dois aventureiros espanhóis, Ruy e Alonso, esperam ansiosamente Gonzalez, seu chefe, que chega quase imediatamente para lhe relatar os últimos acontecimentos e combinar novas traições e assaltos. Gonzalez quer aniquilar Dom Mariz e Dom Alvaro, deixando para si a encantadora Cecilia. Os demais aventureiros hesitam um pouco, mas acabam concordando na nova tentativa assassina. Dom Antonio Mariz, porém, surge inopinadamente com o seu fiel Pedro, o mordomo, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, fechando a porta, pois ele só bastará para punir os traidores.

### Voltam os aimorés

Os aventureiros fogem pelo lado esquerdo, escondendo-se, naturalmente, nas profundezas dos subterrâneos do castelo, enquanto aparece Peri que entra pela porta do meio, no fundo da cena. Regosijando-se por vê-lo ainda vivo, apesar do veneno que sabia ele ter tomada, Dom Antonio aconselha-o a fugir sem demora, pois sabe que o castelo está cercado por outros aimorés que vieram reforçar os que haviam sido eliminados no dia anterior; e que também, não podendo vencer a traição dos aventureiros, que ainda se acham sob o seu teto, tomou a resolução de destruir o castelo, para ter uma morte honrada com todos os seus.

### Salvar Ceci

Peri oferece-se para lutar e resistir com Dom Antonio, mas como este recusa, o índio propõe-lhe então, salvar ao menos uma pessoa da família. "Impossível!" retruca o fidalgo. Mas o nobre indígena insiste rogando-lhe seja concedida uma última graça: a de salvar Ceci. "Mas como? indaga o pai, invadido de súbita felicidade? Peri conta-lhe que preparou uma ponte de fibras vegetais suspensas sobre o fosso atrás do castelo e que ele somente saberia atravessá-lo com a sua filha. Dom Antonio, embaraçado, responde que só não lhe pode confiar a sua idolatrada filha, em tão desesperada situação, por não professar o índio a mesma fé cristã dos portugueses. Peri, imediatamente, roga a Dom Antonio que o batise, pois está pronto a adorar o mesmo Deus de Cecilia. Ajoelhando ante o velho fidalgo, o índio recebe a bênção do batismo, beijando respeitosamente a cruz da espada de Dom Antonio, que lhe apresenta como símbolo sagrado.

### Cecilia não quer

Apenas finda a comovedora cerimônia, chega Cecilia, muito alvoroçada em busca do pai, anunciando que tudo está acabado. Os aimorés cercaram o castelo, Dom Antonio, porém diz-lhe que ela poderá ser salva por Peri. E conta como pode se evadir, para ser levada junto de seus parentes no Rio de Janeiro. Cecilia não quer separar-se do pai e insiste para ficar e com ele morrer. O pai ordena a Peri que a leve à força. Cecilia desmaia. O pai beija-a carinhosamente e exclama: "foge, foge depressa, Peri..." Este diz o último adeus ao fidalgo e parte rapidamente levando Cecilia em seus braços.

### FIM DO CASTELO

E nêsse interregno, entram os aventureiros, traidores, que percebendo a fuga dos dois, quer persegui-los, gritando-lhes que parem. Dom Antonio interpõe-se advertindo-os e ameaçando-os, com uma tocha acesa sobre a mureta. Gonzalez ataca, de espada em punho e o fidalgo, rápido atea fogo aos barris de pólvora, provocando uma tremenda detonação e o desmoronamento do castelo. Todos caem mortos, enquanto no fundo da cena descortina-se o panorama dos arredores do castelo, vendo-se o campo dos Aimorés ao longe e mais perto uma colina, sobre a qual Cecilia cai de joelhos ao assistir o fim trágico do castelo com seu pai dentro... Peri ampara-a docemente, quando Cecilia desmaia em seus braços, confiante em seu protetor.

(Síntese de Cataldo Bove).

Fevereiro 1970.

(De autoria de Cataldo Bove no jornal "Correio Popular"

de 03-março-1970)